

FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA

A DIFERENCIAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

FURLANETTO, Priscila Fernanda¹

RESUMO

Um dos maiores problemas encontrados pelos professores de línguas estrangeiras está relacionado a heterogeneidade das turmas, afinal, trabalhar o mesmo conteúdo com alunos de níveis diferentes pode parecer algo impossível para muitos. Desta forma, esse artigo tem por objetivo desenvolver o tema da diferenciação que nos proporcionará uma visão mais ampla, inovadora e libertadora em relação ao ensino de línguas. Portanto, nos levará a enxergar nossos alunos como seres únicos, providos de histórias de vida e conhecimento de mundo diferentes, condições sociais e econômicas diferenciadas, além de apresentarem estilos de aprendizagem diversos. Para explicitarmos melhor esse tema, começaremos falando o que é, exatamente, o termo a que estamos nos referindo, diferenciação. Na sequência, desenvolveremos o assunto por meio de exemplos de materiais elaborados seguindo a ideia da diferenciação, além de questionamentos considerados relevantes para que haja uma maior reflexão sobre a arte de diferenciar. Ao final, descreveremos estratégias úteis para a execução desse processo.

Palavras-chave: línguas estrangeiras, estratégias pedagógicas, diferenciação.

1 INTRODUÇÃO

Ao usarmos o termo diferenciação, nos referimos a uma técnica sistemática de planejamento e instruções acadêmicas voltadas a diversos tipos de alunos. Tal termo nos faz pensar a necessidade dos estudantes e, principalmente, em técnicas para podermos maximizar o aprendizado de cada um deles.

De acordo com Carol Tomlinson em seu livro *Differentiation in practice: a resourceguide for differentiating curriculum, grades 5-9*, essa técnica sugere que os professores estejam atentos a dois fatores específicos: à natureza do aluno e ao objetivo de cada aula. Assim, se temos claramente “a quem” estamos ensinando e “o que” ensinamos, nos tornamos mais flexíveis.

Tomlinson aponta ainda, cinco elementos que nós, professores, precisamos observar para colocar a diferenciação em prática. São eles:

¹ Graduada em Letras e Mestre em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

- a. Conteúdo: o que ensinamos e de que forma fazemos com que nossos alunos tenham acesso às informações e ideias que consideramos relevantes.
- b. Processo: como os alunos chegam a entender por si mesmos o tópico trabalhado em sala pelo professor.
- c. Produto: de que maneira os alunos demonstram o que aprenderam, entenderam e chegaram a um resultado satisfatório em relação ao que foi ensinado.
- d. Efeito: qual ou quais efeitos um determinado pensamento ou linha de raciocínio causa nos alunos.
- e. Ambiente de aprendizado: o clima da sala de aula e a maneira com que essa é organizada deve contribuir para o aprendizado.

Analisando cada um dos tópicos acima, percebemos que para que a diferenciação possa ser colocada em prática, é necessário haver reflexão por parte dos professores e entendimento desse processo que se mostra um tanto quanto complexo, pois, atrelado aos cinco elementos citados anteriormente, temos ainda algumas questões relacionadas aos alunos que devem ser respondidas por nós para obtermos sucesso nessa empreitada:

- a. Qual o nível de conhecimento, entendimento e habilidade de cada um dos meus alunos hoje?
- b. O que posso fazer para que aquilo que será ensinado atinja a todos de maneira que, por meio da diferenciação, os alunos sintam-se desafiados, possam crescer, melhorar e aprender?
- c. Quais são os interesses específicos de cada um dos meus alunos, ou seja, o que gostam de aprender, sobre o que gostam de refletir ou o que gostam de fazer?
- d. Qual o perfil de aprendizagem de cada aluno? Qual a maneira que cada um deles aprende melhor?

Quando refletimos sobre as questões acima, entendemos que o professor não pode utilizar um único “método” para ensinar. Ele deve olhar seus alunos como seres únicos que apresentam interesses diferentes e que aprendem de maneiras diferentes. Mas, para que isso possa acontecer, o professor deve passar pelo processo de análise do conteúdo a ser ensinado. Esse, por sua vez, geralmente é imposto por documentos locais e possuem padrões que enfatizam o que deve ser ensinado, as habilidades que devem ser desenvolvidas nos alunos, além de outros conceitos e princípios relacionados a forma de ensino do professor. Tudo isso, a princípio, são nos apresentado como algo estático que só virá a existir a partir do momento que o professor o colocar em prática com os alunos e, então, é importante entender que o

professor aqui é, também, o recurso e é por meio dele que a diferenciação acontecerá.

Assim, deverá questionar o que há de mais importante em relação ao assunto a ser ensinado, qual o valor desse mesmo assunto para os alunos e o que deverá ser compartilhado com eles para ajudá-los a fazer a ligação do que está sendo aprendido com suas vidas. Se assim não acontecer, aprender qualquer coisa passa a ser ilógico e sem sentido. Um professor esperto se pergunta: Quais são todas as técnicas disponíveis que posso utilizar para ajudar meus alunos a aprender?

Por fim, há princípios considerados essenciais para o processo de diferenciação, ainda de acordo com Tomlinson. São eles:

- a. Princípio 1: Um bom planejamento.
- b. Princípio 2: Cada tarefa deve ser adequada para cada aluno.
- c. Princípio 3: Nunca transforme a tarefa em algo mais fácil, apenas faça uma adaptação que, ainda assim, continue sendo um desafio ao aluno. Diferenciar não é deixar mais fácil e sim impulsionar o aluno, encorajá-lo e mostrar que ele é capaz.
- d. Princípio 4: Mantenha a opção do trabalho em grupo. Às vezes, pode ser interessante para que os alunos compartilhem conhecimentos.
- e. Princípio 5: Faça uso de atividades diferenciadas, ou seja, que envolvam as mais diversas habilidades, assim, poderá atingir cada um dos alunos.
- f. Princípio 6: Avalie os alunos pelo quanto cresceram, pois a nota padrão, àquela a que estamos acostumados, muitas vezes, não reflete a evolução de cada indivíduo.

Na sequência deste artigo, veremos toda a teoria sobre diferenciação aqui exposta, de forma prática. Descreveremos aprendizes de português como segunda língua de uma escola americana na cidade de Curitiba, a heterogeneidade em sala e a solução encontrada para tal problema.

2 DESENVOLVIMENTO

A Escola Internacional de Curitiba é uma instituição bastante diferenciada. O *curriculum* seguido por ela é o americano, porém, acaba também sendo válido no Brasil, ou seja, é aprovado pelo MEC, por ter, obrigatoriamente, um departamento brasileiro que é responsável pelas disciplinas de língua portuguesa regular, língua portuguesa como segunda língua, história e geografia do Brasil, além de cultura brasileira, disciplina que é formada pela fusão de história, geografia e língua portuguesa como segunda língua. Embora falar sobre essa escola não seja nosso foco aqui, é importante entendermos que é justamente devido a maneira

com que o departamento em questão é estruturado que ela está sendo aqui exposta e nos servirá como exemplo para compreendermos melhor o processo de diferenciação.

Como professora dessa instituição, transito entre as disciplinas de cultura brasileira, português como segunda língua e português regular, mas, escolhi a primeira para demonstrar a diferenciação em sala de aula, afinal, de todas elas, a considero a mais complexa, pois seu objetivo é fazer com que os estrangeiros aprendam sobre o Brasil histórica e geograficamente, além de melhorar a aquisição da língua portuguesa. Essa disciplina existe a partir da 4ª série do ensino fundamental, até a 10ª série do ensino médio, embora as nomenclaturas sejam diferentes por se tratar de uma escola americana.

Todas essas séries são compostas de alunos brasileiros e estrangeiros, porém, no momento em que os alunos precisam ir para a aula de história e geografia do Brasil, ministrada em língua portuguesa, àqueles que ainda não são fluentes na língua, seguem para a aula de cultura brasileira. O objetivo é que um dia, sejam capazes de passar para a aula regular. Imaginem que os alunos não fluentes em língua portuguesa, apesar de terem a mesma idade e cursarem a mesma série, são de diversos lugares do mundo e apresentam níveis de português diferentes um do outro. Esse, portanto, é o nosso grande desafio e, para lidar melhor com tal situação, utilizamos a técnica de diferenciação que segue aqui de forma mais sistematizada.

2.1 A DIFERENCIAÇÃO COLOCADA EM PRÁTICA

Para ilustrar o assunto, escolhi a 6ª série do ensino médio com quem trabalho cultura brasileira. Nessa turma, temos sete alunos em uma faixa etária média de 12 anos. Dentre eles temos alemães, filipinos, americanos, venezuelanos e japoneses. Podemos dizer que apenas um aluno é considerado nível avançado, ou seja, já é fluente e logo será passado para as aulas regulares. O restante da turma tem 3 alunos considerados nível intermediário e os outros 3 considerados nível básico. Como soluciono esse problema?

Primeiramente, tenho um plano de curso bem elaborado, com objetivos muito claros e esses, por sua vez, são passados no início da aula a todos os alunos. A língua falada em sala de aula é o português, mesmo para àqueles que ainda não entendem nada. Para esses, na sequência, a explicação também acontece em inglês, língua falada por todos na escola. Ainda assim, às vezes temos alunos que também não se comunicam em língua inglesa. Quando isso acontece, explicamos por meio de gestos, mímicas, imagens e objetos o que queremos que

entendam. Já estamos aqui, em pleno processo de diferenciação. Tarefa árdua, mas que nos traz excelentes resultados.

Para que haja uma melhor compreensão de como transformamos a teoria da diferenciação em prática nesse grupo específico, colocarei, a seguir, o manual do professor, elaborado por mim, além de um exemplo de atividade.

2.2 MANUAL DO PROFESSOR

2.2.1 Objetivo Geral

O objetivo desta apostila é apresentar a Região Norte do Brasil aos alunos estrangeiros de forma que entendam a história e a importância deste local para o país.

Aprender sobre essa região é poder embrenhar-se nos encantos da floresta Amazônica e na riqueza cultural de um povo bastante diversificado.

Não obstante, o estudo da língua portuguesa também deve ser enfatizado. Tendo em vista que língua e cultura são intrinsicamente ligadas, esse material nos possibilita a prática das habilidades de fala, escuta, leitura e escrita para alunos iniciantes, intermediários e avançados, conforme adaptação baseada na ideia de “differentiation” (diferenciação).

2.2.2 Objetivos Específicos

Para cada uma das atividades desta apostila, há um ou mais objetivos a serem atingidos com os alunos. Desta forma, os mesmos serão colocados no início de cada atividade e deverão ser melhor explanados pelos professores antes de serem trabalhados em sala. É imprescindível que os alunos saibam aonde queremos que eles cheguem com cada uma das atividades propostas.

2.2.3 Critérios de Avaliação

Atividade Oral

<i>Pronúncia:</i>	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
<i>Vocabulário:</i>	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
<i>Agilidade:</i>	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
<i>Gramática:</i>	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>

Apresentação Oral

<i>Conteúdo/ideias</i>	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
------------------------	--------------	--------------	--------------	---------------	--------------

<i>Apresentação/Estrutura</i>	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
<i>Apresentação/Postura</i>	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
<i>Uso da Língua</i>	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>

Atividade Escrita

Adequação à proposta	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
Coerência:	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
Coesão:	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>
Norma Padrão:	<i>F ()</i>	<i>R ()</i>	<i>B ()</i>	<i>MB ()</i>	<i>O ()</i>

Pontuação:

- Cada tópico: 0-4 pontos
- As notas seguem critério abaixo e teremos como classificação:

F (fraco)= 0 pontos

R (regular)= 1 ponto

B (bom)= 2 pontos

MB (muito bom) = 3 pontos

O (ótimo) = 4 pontos

4 pontos em cada categoria= 16 pontos= nota 10

Pontos/Notas

10 = 63 – 68

9 = 56 – 62

8 = 50 – 55

7 = 44 – 49

6 = 38 – 43

5 = 31 – 37

4 = 25 – 30

Pontos /Notas

16 = 100

15 = 94 – 99

14 = 88 – 93

13 = 81 – 87

12 = 75 – 80

11 = 69 – 74

2.2.3 Exemplo de atividade:

ATIVIDADE 3 – *LEARNING GOAL* (OBJETIVO):

- Ser capaz de utilizar as informações coletadas sobre a Região Norte para a elaboração de um Telejornal.

DIFFERENTIATION:

- ALUNOS INICIANTEs: Trabalhar com a produção do telejornal em relação ao som, as imagens, filmagens, figurino, cenário.
- ALUNOS INTERMEDIÁRIOS: Escrita do script do telejornal.
- ALUNOS AVANÇADOS: Apresentação do telejornal.
Após aprender sobre o Norte do Brasil, crie com seus colegas de sala um telejornal. Siga as instruções:

Telejornal

Organizando a produção:

- A equipe deve decidir o nome do telejornal.
- Cada aluno do grupo deve ter papéis definidos no projeto.
- O grupo utilizará as informações contidas no questionário sobre o vídeo da Região Norte do Brasil e deverá transformá-las em script para telejornal.

Gravando...

- O grupo ajuda o apresentador a ensaiar, contando o tempo de leitura das matérias, de modo que a apresentação não fique longa e cansativa. Também pode dar dicas ao apresentador, quanto à entonação e dicção.
- Para preparar a gravação do jornal, os responsáveis pelo visual do(a) apresentador(a) (roupa, cabelo, maquiagem) e pelo cenário devem estar com tudo finalizado.
- Os grupos devem trabalhar na edição dos vídeos.
- Os vídeos devem ser apresentados para a professora e os colegas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos perceber no decorrer deste artigo e, principalmente, em seu desenvolvimento, momento em que ilustramos a teoria com exemplos concretos de como a diferenciação é utilizada em minhas aulas de cultura brasileira, concluímos que é possível adaptar um mesmo conteúdo para alunos de níveis completamente diferentes quando o enfoque é o ensino de línguas estrangeiras. Espera-se assim, que os professores passem a olhar para seus alunos como seres únicos e que possa aproveitar o que cada um deles traz em sua bagagem como ferramenta para transformar o ensino em algo mais consciente, humano e inovador.

REFERÊNCIAS

FURLANETTO, Priscila Fernanda. **Português para Estrangeiros – Cultura Brasileira 1**. Disponível em: http://www.professorapiscilafurlanetto.com_Text.pdf.htm. Acesso em: 11 mai. 2016.

TOMLINSON, Carol A. **Differentiation in practice**: a resourceguidefordifferentiatingcurriculum, grades 5-9. United States: Copyrighted Material, 1968.